

RELAÇÃO ENTRE ANÁLISE DO DISCURSO, LINGUÍSTICA DE TEXTOS E GÊNEROS TEXTUAIS: O CONCEITO DE INTERTEXTUALIDADE

Vicentina Ramires¹

RESUMO: O estudo dos elementos constitutivos do texto, os operadores da argumentatividade, a macroestrutura textual, os fatores de textualidade, as características dos gêneros textuais constituem-se como fundamentos para a Análise de Discurso (AD) na definição de suas categorias de análise, tais como o estudo dos implícitos, pressupostos, papéis discursivos, contexto de produção, regularidades discursivas e propósitos comunicativos. Neste artigo pretendemos apresentar a relação entre a Análise de Discursos, a Linguística Textual e os Gêneros Textuais, a partir dos estudos desenvolvidos nessas três áreas. Dentre vários conceitos da Linguística Textual, destacamos um que se apresenta fortemente inter-relacionado aos conceitos da AD e da teoria de gêneros textuais: **intertextualidade**. Para ilustrar esse conceito foram selecionados alguns exemplos de gêneros textuais literários e imagéticos, de forma a mostrar como eles participam da construção de sentidos do texto, operando de forma significativa, contribuindo para ampliar as formas de análise dos discursos. As análises demonstraram que os estudos sociointeracionistas da linguagem são convergentes em vários aspectos, e uma perspectiva interrelacional de estudos de compreensão de textos é extremamente importante para a construção de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discursos; Linguística Textual; Gêneros Textuais.

ABSTRACT: The study of the constitutive elements of the text, such as textual macrostructure, textuality factors, characteristics of textual genres, gives the grounds for Discourse Analysis studies in defining their categories of analysis, such as the study of implicits, discursive roles, context, discursive regularities and communicative purposes. In this article we intend to present the relationship between Discourse Analysis, Textual Linguistics and Textual Genres. From the studies carried out in these three areas, among several concepts of Textual Linguistics, one is highlighted in this paper, which is strongly interrelated to Discourse Analysis concepts and genre theory: **intertextuality**. To illustrate this concept we selected some examples of literature and imagery genres in order to show how they participate in the construction of text meaning, significantly operating and helping to expand the forms of discourse analysis. The analyzes showed that sociointeractionists language studies are converging in many respects, and an inter-relational perspective of text comprehension studies is extremely important for the construction of meaning.

KEYWORDS: Discourse Analysis; Textual Linguistics; Textual Genres

¹ Professora Associada do Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE – Recife/PE-Brasil. E-mail: vicentinaramires@terra.com.br

1. Considerações iniciais sobre Análise de Discursos (AD), Linguística Textual (LT) e Gêneros Textuais (GT)

Talvez não se possa falar em AD e estudos de gêneros sem mencionar os rumos que tomaram, sobretudo a partir da década de 60, os estudos sobre textos de uma maneira geral. Mudando a perspectiva de análise dos estudos tradicionais e os critérios que definiam a competência do usuário de uma língua, a Linguística Textual surge nesse cenário, enfatizando os processos de construção textual, a capacidade do falante de ler e produzir diferentes textos, as características internas de textos e os fatores de textualidade. O grande avanço nessa fase se deveu principalmente à estreita relação que se passou a estabelecer entre o estudo de texto e seus determinantes de produção e recepção, objeto central dos estudos da Pragmática, aos quais dedicaremos uma seção especial.

Numa primeira fase da Linguística Textual, ressaltou-se a importância do estudo da “gramática do texto”, em que se fazia uma descrição completa dos elementos constitutivos de que uma dada língua dispõe para a estruturação de textos. Autores como Halliday, Weinrich, Ducrot, Isenberg, Dressler, VanDijk², nesse primeiro momento, enfatizaram a macrossintaxe do texto, o estudo de seus elementos constitutivos, operadores da argumentatividade, a macroestrutura textual, entre outros que compunham ou constituíam o que era consensualmente denominado de textualidade.

Diversas manifestações surgem em favor da importância da Linguística Textual. Dressler (apud FÁVERO e KOCH, 1998) afirma que as gramáticas da frase não privilegiam vastas partes da morfologia, da fonologia e da lexicologia, o que não acontece na Linguística Textual, que incorpora:

- a) a semântica do texto, responsável pela análise e explicação da constituição do significado;
- b) a pragmática do texto, responsável por identificar qual a função do texto no seu funcionamento sócio-interativo;
- c) a sintaxe do texto, que verifica como vem organizada a significação de um texto e como pode expressar o que está a sua volta;
- d) a fonética do texto, relacionada à sintaxe, que se ocupa das características e dos sinais fonéticos da configuração sintática textual.

Num segundo estágio de desenvolvimento da Linguística Textual (meados de 70 e início dos anos 80), o conceito de textualidade passa a ser não apenas uma propriedade ou característica de um evento comunicativo³, mas um múltiplo modo de conexões ativadas sempre que este ocorre. Um dos grandes representantes dessa fase foi Robert de Beaugrande, que, junto a Wolfgang Dressler, publicou a obra considerada um marco nesses estudos – *Introduction to Textlinguistics* (1981) – em que eram apresentados sete fatores da textualidade: dois, relacionados ao material conceitual e linguístico – **coesão** e

² Esses autores fazem parte do estudo do desenvolvimento da Linguística Textual, feito por Fávero e Koch (1998).

³ Ver BEAUGRANDE (1997).

coerência – e cinco, de ordem pragmática – **intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade**⁴.

No terceiro momento, dá-se maior ênfase ao contexto pragmático, isto é, ao conjunto de condições – externas ao texto – da produção, da recepção e da interpretação do texto. A incorporação da Pragmática trouxe posicionamentos diferentes por parte dos vários autores. Para uns, como Dressler (apud FÁVERO e KOCH, 1998), a pragmática seria um componente acrescentado a um modelo preexistente de gramática textual, restrito à situação comunicativa, na qual o texto é introduzido. Para outros, como Schmidt (apud FÁVERO e KOCH, 1998), a pragmática estaria relacionada a um ato de comunicação, como forma de interação social. A partir desse ponto de vista, a competência comunicativa passa a ser a base empírica da teoria do texto e não mais a competência textual.

Oller (apud FÁVERO e KOCH, 1998) concebe o uso da língua como um processo de decisões que se realizam em três dimensões: a sintática – responsável pelo arranjo temporal dos elementos –, a semântica – responsável por contrastar e selecionar os elementos a partir de um paradigma – e finalmente a pragmática – responsável por relacionar os aspectos sintático-semânticos e informações não-verbais, que têm sua importância no poder de determinar a opção a ser feita em cada situação sintática ou semântica.

Colocadas essas questões, cabem, então, algumas considerações que têm desafiado muitos linguistas nestes últimos anos: a) Qual o limite entre a Linguística Textual e a Análise do Discurso? b) Em que medida esses dois campos se cruzam e se afastam? c) Como se inscrevem, nesses estudos, as pesquisas sobre gênero textual?

Algumas dessas questões são abordadas por Jean-Michel Adam, no seu livro “*Linguistique Textuelle: des genres de discours aux textes*” (1999), que salienta a heterogeneidade e a complexidade do objeto da Linguística Textual, afirmando que essa disciplina deve se definir pela relação que estabelece com a Pragmática e a Análise do Discurso. Nessa obra, Adam faz uma revisão parcial do primeiro capítulo de *Les Textes: types e prototypes* (1992c), expondo as grandes linhas de uma abordagem mais abrangente acerca dos níveis de organização dos textos, salientando que seu objetivo é definir um quadro teórico mais geral, o qual considera a linguística textual como um subconjunto da análise das práticas discursivas e dos gêneros.

É assim que neste artigo pretendemos apresentar a relação entre os estudos da Análise de Discursos, da Linguística Textual e dos Gêneros Textuais, de forma a contribuir para a construção da compreensão dos diferentes discursos que circulam na sociedade. A partir dos estudos desenvolvidos nessas três áreas, dentre vários conceitos da Linguística Textual, destacamos um que se apresenta fortemente inter-relacionado aos conceitos da AD e da teoria de gêneros textuais: **intertextualidade**.

⁴ Sobre a Linguística Textual nessa fase específica, vale a pena consultar os estudos de: Koch (1999); Costa Val (1994); Marcuschi (1983).

2. Gêneros textuais e linguística textual

Antes de aprofundar o conceito de gêneros textuais, distinguindo-os dos “tipos de texto”, Adam (1999) traça um interessante panorama bibliográfico das teorias do texto nas últimas décadas, ao qual chama de “Babel textuelle”⁵. Entre as teorias citadas estão incluídos os estudos de Barthes (1997, p. 816-817, apud ADAM, 1999, p. 7), para quem todo texto é um *intertexto*, nos quais outros textos estão presentes, em níveis variados, sob formas mais ou menos reconhecíveis, ou seja, todo texto é um tecido novo de citações revistas.

Outro autor, Van Dijk, no início dos anos 70, numa fase gerativista de sua reflexão teórica, mostra bem em seus ensaios sobre gramáticas textuais e estruturas narrativas que estas emergem da confluência da dinâmica dos trabalhos estruturalistas consagrados aos textos poéticos e narrativos, de um lado, e da epistemologia gerativista, de outro. O mesmo Van Dijk (1985, apud ADAM, 1999:9), em fase posterior, elabora um modelo cognitivo, que é um modelo de textualidade, no qual se combinam em diferentes níveis o valor ilocutório do discurso, as macroestruturas semânticas e o reconhecimento de um gênero e de esquemas de textos (narrativos, argumentativos, etc.).

O próprio Adam (1999) se inclui nessa retrospectiva, com sua teoria das sequências e reflexão sobre gêneros oriundas de uma discussão das superestruturas textuais propostas por T. van Dijk, e a teoria cognitiva dos esquemas (Bereiter & Scardamalia e Kintsch), em que se ressaltou uma importância instrucional determinante a duas operações essenciais da textualização: as operações de ligação e de segmentação.

Para tratar da questão dos gêneros, Adam (1999), em seguida, faz uma longa reflexão sobre a relação entre Linguística Textual e Análise do Discurso. Essa discussão é importante na medida em que se procura esclarecer a posição dessas duas correntes e suas relações com o estudo de gêneros. Reconhecendo, então, que há uma separação e uma complementaridade de tarefas e objetos da Linguística Textual e da Análise do Discurso, o autor afirma que:

A Linguística Textual tem como tarefa descrever os princípios *ascendentes* que regem as combinações complexas, mas não anárquicas de proposições no interior do sistema de uma unidade TEXTO em suas realizações sempre singulares. A Análise do Discurso – para mim análise das práticas discursivas que se recusa a tratar como idênticos os discursos judiciário, religioso, político, publicitário, jornalístico, universitário, etc. – se atém, por sua vez, prioritariamente, à descrição das regularidades *descendentes* que as situações de interação, as línguas e os gêneros impõem à composição da textualidade (ADAM, 1999, p. 35)⁶.

⁵ Termo emprestado de Rigolot (1982), citado em Adam (c1992).

⁶ No original: “La linguistique textuelle a pour tache de décrire les principes ascendants qui regissent les agencements complexes mais nos anarchiques de propositions au sein du système d’une unité TEXTE aux réalisations toujours singulières. L’analyse du discours – pour moi analyse des pratiques discursives que renonce à traiter comme identiques les discours judiciaire, religieux, politique, publicitaire, journalistique, universitaire, etc. – s’attarde quant à elle prioritairement sur la description des régulations descendentes que

Esse panorama traçado por Adam sobre as teorias de texto é extremamente relevante, porque, segundo esse autor, os programas de pesquisas resultantes da inclusão da Linguística Textual no campo da Análise do Discurso passam a considerar toda atividade de textualização como inscrita no quadro de um gênero de discurso específico (determinado pragmaticamente)⁷. Assim, multiplicam-se os estudos detalhados de gêneros e evitam-se as extrapolações abusivas bastante frequentes nas teorias do texto (ADAM, 1999:38).

O limite dessa representação feita por Adam pode estar na consideração do papel da Linguística Textual na produção e recepção de textos, que se restringiria principalmente a aspectos formais ou estruturais. Além disso, não há referência explícita ao papel do contexto, ainda que este tenha sido um conceito amplamente explorado nas duas teorias.

3. Análise de Discurso e Linguística Textual - intersecções

Diferente posição assume Fairclough (2001), que, ao propor uma “teoria social do discurso”, adverte que o termo “discurso” – cujo conceito não é simples, pela variedade de definições conflitantes e sobrepostas – é empregado por ele no sentido de “*uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade publicamente individual ou reflexo de variáveis situacionais*” (p. 90). Salientando a perspectiva dialética na relação entre discurso e estrutura social, Fairclough, baseando-se no conceito de hegemonia elaborado por Gramsci (ver GRAMSCI, 1978; 1987), preocupa-se em acentuar a noção de discurso como “*modo de prática política e ideológica*” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94), e ressalta:

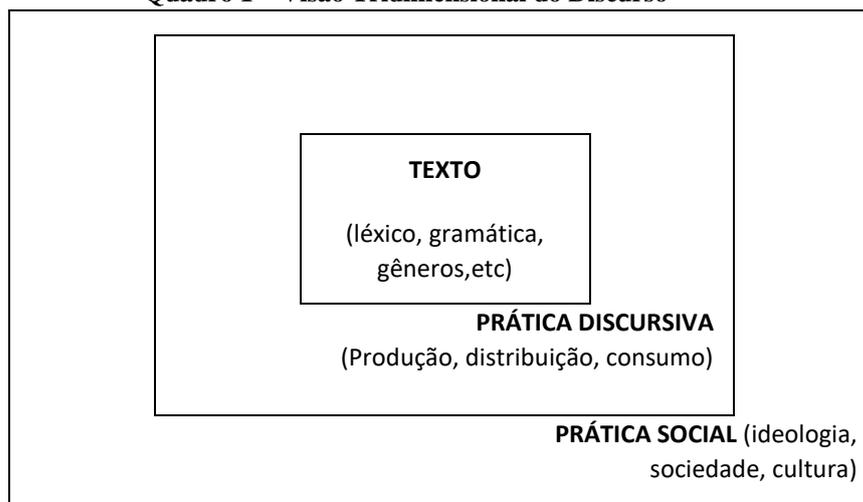
O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (...) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder.

Numa tentativa de reunir três tradições analíticas indispensáveis na análise do discurso, Fairclough (2001, p. 101) apresenta uma concepção tridimensional do discurso num diagrama em que essas tradições – análise textual, prática discursiva e prática social – se imbricam, como pode ser visto no quadro 1 a seguir:

les situations d’interaction, les langues et les genres imposent aux composantes de la textualité” (ADAM, 1999, p.35).

⁷ Na Escola Francesa, o discurso se articula ao processo de produção-circulação-recepção e o texto só é o produto; na Linguística Textual, pelo contrário, o texto é a categoria forte, o marco estrutural, e o discurso é o produto.

Quadro 1 – Visão Tridimensional do Discurso



Com relação à compreensão de discurso como **texto**, nesse esquema Fairclough (2001, p. 103) sugere organizá-la em itens, como vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual, os quais, juntos a outros três propostos para a análise da **prática discursiva** – “força” dos enunciados (tipos de atos de fala), coerência e intertextualidade –, compõem o quadro para a análise textual. Para a compreensão da dimensão discurso como **prática social**, Fairclough propõe uma discussão sobre os conceitos de ideologia e hegemonia propostos por Althusser e Gramsci.

Por reconhecer a complexidade de tais questões sobre Análise do Discurso e Linguística Textual, insistimos em situá-las aqui pela relevância de tais visões. Dessa forma instaura-se um novo modo de olhar as inter-relações desses dois campos de análise e as teorias de gêneros. Assim, a articulação entre esses dois campos pode enfatizar o fato de que, segundo Brandão (2000),

numa perspectiva discursiva, o gênero deve ser trabalhado enquanto instituição discursiva, isto é, forma codificada sócio-historicamente por uma determinada cultura enquanto objeto material, isto é, enquanto materialidade linguística que se manifesta em diferentes formas de textualização. Vê-se aqui a intersecção interdisciplinar entre a Análise do Discurso e a Linguística Textual (p. 39).

A partir dos estudos desenvolvidos nessas três áreas, dentre vários conceitos da Linguística Textual, destacamos um que se apresenta fortemente inter-relacionado aos conceitos da AD e da teoria de gêneros textuais: **intertextualidade**

4. O conceito de intertextualidade

Conhecido como processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo, o entendimento acerca da intertextualidade teve início com as ideias de Bakhtin de que um discurso é sempre resultado de outros discursos anteriormente proferidos, que não podem ser compreendidos isoladamente, uma vez que dialogam entre si. Entretanto, o termo “intertextualidade” só foi introduzido na década de 60 e incorporado com base nos postulados dialógicos bakhtinianos por Júlia Kristeva (1974, apud KOCH, 1999). A intertextualidade para Kristeva nada mais é que absorção e transformação de um texto através de outro texto, ou seja, todo texto é constituído de intertextos. Numa frase como a seguinte “*Na questão da inflação anual e das taxas de juros, pouca gente pode dizer que se encontra em berço esplêndido, neste país.*”, praticamente qualquer brasileiro perceberá que o texto em questão traz dentro de si um pedacinho de um outro texto: o *Hino Nacional Brasileiro*.

Segundo Koch (1999), há diversos tipos de intertextualidade: temática, estilística, explícita, implícita, mas o que importa é que a intertextualidade pode ser dividida em dois sentidos: um amplo e outro estrito.

O sentido amplo está voltado ao que denominamos também de polifonia, ou seja, a presença de discursos na elaboração de outros textos. Já o sentido estrito é caracterizado pela presença do explícito e implícito. A intertextualidade é explícita quando o texto faz notória a fonte do intertexto. Intertextualidade implícita acontece quando não é citada a fonte do intertexto. Neste caso, espera-se que o leitor reconheça a presença do intertexto, através de sua memória discursiva. Se o leitor não conseguir inferir o sentido, a compreensão do texto será prejudicada.

Em outras palavras, a produção de sentidos de um texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, há, explícita ou implicitamente, uma outra voz no texto, cujo entendimento depende de o leitor ter, em seu repertório, conhecimento de um outro texto. Platão e Fiorin (1998) ressaltam a importância da leitura no processo de reconhecimento da intertextualidade:

Quanto mais se lê, mais se amplia a competência para apreender o diálogo que os textos travam entre si por meio de referências, citações e alusões. Por isso cada livro que se lê torna maior a capacidade de apreender, de maneira mais completa, o sentido dos textos (p. 20).

5. Procedimentos metodológicos

Para ilustrar o conceito de intertextualidade foram selecionados alguns exemplos de gêneros textuais literários e imagéticos, de forma a mostrar como eles participam da construção de sentidos do texto, operando de forma significativa, contribuindo para ampliar as formas de análise de discursos.

As categorias de análise selecionadas neste estudo compreendem tanto as da AD como as da Linguística Textual, como forma de reforçar a tese de que, para algumas formas de análise, tais categorias estão inter-relacionadas. São elas: a) Propósito enunciativo (ou, seja, o conceito de intencionalidade, utilizado na Linguística Textual); b) os usos de linguagem (escolhas lexicais, sintáticas, e semânticas); c) os subentendidos e pressupostos; d) os papéis dos sujeitos segundo marcas discursivas utilizadas no texto; e) as formações discursivas; f) o conceito de informatividade na Linguística Textual e g) o contexto.

Os textos analisados pertencem a diferentes gêneros, com atenção especial para poema, propaganda e cartum, por se constituírem em exemplos mais concretos para a identificação das marcas de intertextualidade, dada a criatividade própria desses gêneros.

6. Análise e discussão

Poucos textos foram tantas vezes tomados como modelo ou ponto de partida como a Canção do Exílio, de Gonçalves Dias. Murilo Mendes, Caetano Veloso, Oswald de Andrade, Drummond são alguns dos grandes nomes da música e literatura brasileiras que partiram do poema original de Dias e criaram novas peças literárias de grande valor, como mostram os dois exemplos seguintes:

*Minha terra tem palmares onde gorjeia o mar os
passarinhos daqui não cantam como os de lá.
(Oswald de Andrade, “Canto de regresso à pátria”).*

Nova Canção do

Exílio Um sabiá na
palmeira, longe. Estas
aves cantam um outro
canto.

O céu cintila sobre
flores úmidas.
Vozes na mata e o
maior amor.

Só, na noite, seria
feliz: um sabiá, na
palmeira, longe.

Onde é tudo
belo e fantástico,
só, na noite,
seria feliz. (Um
sabiá,
na palmeira, longe.)
Ainda um grito de vida
e voltar para onde tudo é
belo:
e fantástico:
a palmeira, o sabiá o
longe.

(Carlos Drummond de Andrade. *Reunião. 10
livros de poesia 6.* ed. Rio de Janeiro, José
Olympio, 1974. p. 94-5.)

A intertextualidade é um recurso também muito presente na publicidade, que utiliza textos popularmente conhecidos, tanto verbais, quanto de outras naturezas semióticas, observando-se frequentemente também nas imagens. Assim, a intertextualidade é uma importante ferramenta criativa da publicidade, e se constitui em matriz inspiradora para a criação de propagandas.

A Bombril é um exemplo bastante ilustrativo disso, ao colocar personagens da história, da literatura, da pintura, do esporte representados por seu garoto-propaganda há mais de 3 décadas, Carlinhos Moreno, como pode ser visto nas imagens seguintes, que fazem alusão à camisa 10 do maior jogador de todos os tempos, Pelé, no lugar do nome do produto na embalagem; ao personagem Charles Chaplin, do cinema, e ao retrato da Gioconda, de Leonardo da Vinci, cujo slogan que o acompanha diz: “Mon Bijou deixa sua roupa uma perfeita obra-prima”, numa referência explícita à obra do pintor.



Outro exemplo significativo no meio publicitário é o anúncio de produto da empresa Hortifruti⁸, que faz uso de recursos intertextuais para divulgar as hortaliças que comercializa.



Apesar de não ter sido veiculada na divulgação do filme policial Tropa de Elite – sucesso nacional produzido em 2007 –, a frase “pede pra sair” tornou-se uma marca registrada, mesmo para aqueles que não assistiram ao filme. O recurso visual (o quepe sobre o tomate) também faz alusão ao personagem principal do filme, um comandante militar. Nesse caso, para que a compreensão do texto não seja comprometida, o leitor precisa fazer inferências a partir do repertório de outros textos que são acionados por sua memória discursiva.

O mesmo acontece com as charges, cuja compreensão depende da identificação da presença de outros discursos. Ilustremos essa questão com a charge seguinte:

⁸ Disponível em: <http://www.hortifruti.com.br/>. Acesso em junho de 2014.



A charge de Ronaldo, publicada no dia 13/02/2010 no Jornal do Commercio, ilustra a importância desse conceito na produção de sentidos. É possível entender, através do cruzamento de informações ligadas a um contexto contemporâneo, a crítica humorística do sucesso da música Rebolation, do grupo baiano de Axé, durante o carnaval, e o escândalo político que envolveu Arruda, governador de Brasília, acusado na época de comandar um esquema de corrupção e de oferecer suborno às testemunhas de acusação, sugerindo que, apesar das tentativas de fugir da condenação, Arruda “dançou”.

Para uma perfeita compreensão, é preciso levar em consideração os intertextos, e, para isso, listaremos abaixo algumas informações necessárias:

1. Legenda: Escrita em formato de apresentação festiva, parodiando o título de uma famosa música e o termo *rebolation* (coreografia) para o *roubolation*.
2. Cadeia: fotocópia de uma cadeia com marca d'água como plano de fundo.
3. Sujeito caricaturado: o sujeito (Arruda) posicionado à frente das grades, fazendo a coreografia da música baiana do grupo Parangolé. A vestimenta é despojada, típica de cantor de axé.
4. Dinheiro saindo dos bolsos: alusão ao esquema de corrupção.

A charge de Ronaldo é um claro exemplo que a intertextualidade explícita. Percebemos no texto a fonte visivelmente estampada quando o sujeito caricaturado é mencionado (Arruda e o Roubolation), facilitando a compreensão. Se, mesmo assim, não houver reconhecimento do intertexto, fica impossibilitada a leitura.

Para se construir, portanto, o sentido do texto, há que se manterem estreitas relações entre Análise do Discurso, a Linguística de Textos e os Gêneros Textuais. O quadro 2 seguinte, com uma proposta de análise do discurso de um gênero textual imagético (uma charge sobre propaganda eleitoral publicada em www.humornanet.com)⁹, incorporando também alguns dos fatores de textualidade abordados pela Linguística textual, ilustra essa relação.

⁹ Disponível em www.humornanet.com e em <http://www.mcjeditora.com.br/portal/>. Acesso em maio de 2012.



Quadro 2 – Proposta de análise

Categories	Análise
Propósito enunciativo (intencionalidade)	A finalidade mais comum de gêneros textuais imagéticos como a charge é criticar fatos, personalidades, programas de governo, enfim, questões que podem caracterizar o momento histórico de sua produção. No caso do texto em estudo, são denunciadas as formas abusivas utilizadas por alguns políticos em suas campanhas eleitorais, por meio de suas propagandas.
Uso da linguagem (escolhas lexicais, sintáticas, e semânticas)	As charges exigem formas curtas e rápidas de comunicação visual. Para isso, muitas vezes são utilizadas palavras ou expressões simples e verbos no imperativo (“abra”), sempre em sentenças curtas.
Subentendidos	Subentendidos são insinuações feitas nos enunciados. No caso da charge analisada, está subentendida a ideia de que os candidatos só dizem coisas equivalentes a lixo, ou seja, descartáveis, e que a cabeça do eleitor faria o papel de lixeira para receber essas informações. O dado que permite essa interpretação é a imagem da cabeça do eleitor transformada em lixeira.
Pressupostos	Pressupostos são informações que os interlocutores consideram como indiscutíveis, ou seja, ideias não explícitas, mas que podem ser compreendidas a partir de pistas no texto. No texto em questão, o pressuposto básico é que para que alguém seja eleito, é preciso que o eleitor vote, daí a importância das propagandas eleitorais.
Sujeitos (papéis e marcas discursivas)	No conteúdo da charge, os personagens desempenham papéis diferentes e se encontram em posições diferentes, na maioria das vezes antagônicas. O personagem eleitor pode não se dar conta e receber passivamente o conteúdo dessas mensagens eleitorais, ou, ao contrário, ter consciência de que, no período de eleições, os candidatos, representando diferente papel, tentam manipular os eleitores com seus discursos de campanha. Outro sujeito presente no discurso
	dessa charge é o autor, que representa o papel de denunciar essas tentativas manipuladoras dos candidatos no período eleitoral, ao divulgar, por meio da arte, sua pertença ideológica.

Formação discursiva	Basicamente duas formações discursivas concorrem nesse texto: os telespectadores eleitores, que assistem a propagandas eleitorais, e os candidatos representados pelo personagem (implícito na charge e reconhecível pela fala). Ambas as formações são mediadas por uma formação discursiva maior, que é a mídia eletrônica (a TV), com características marcadas, que serão discutidas em outra oportunidade. As características mais importantes dos elementos da formação discursiva dos eleitores, nessa charge, são anunciadas pela imagem do depósito de lixo no lugar da cabeça do virtual eleitor e pela posição em frente à televisão, recebendo, com certa passividade, a propaganda eleitoral. Quanto aos elementos da formação discursiva a que pertencem os candidatos, nota-se o discurso imperativo (já mencionados no uso da linguagem neste quadro) e o recurso gráfico que indica um volume alto da voz do candidato, próprio dos discursos eleitorais.
Informatividade	A situação comunicativa e o tipo de texto a ser produzido é que determinam o grau de informatividade de um texto, isto é, o grau de previsibilidade (ou expectabilidade) da informação contida no texto. Assim, quanto mais previsível ou esperada for a informação trazida pelo texto, menor será seu grau de informatividade. Próprio das propagandas veiculadas pela televisão, as informações devem ser claras, diretas e curtas.
Contexto	Os elementos que "ancoram" o texto em uma situação comunicativa determinada, nessa charge desempenham um papel importante na interpretação do texto, situando o texto em determinado contexto, possibilitando a leitura. A sugestão para buscar informações em página da internet (www.humornanet.com.br) remete o leitor para compreender mais o texto.

7. Considerações Finais

A relação entre diferentes áreas dos estudos da linguagem com a Análise do Discurso foi objeto de discussão neste artigo. O estudo dos elementos constitutivos do texto, os operadores da argumentatividade, a macroestrutura textual, os fatores de textualidade, as características dos gêneros textuais constituem-se como fundamentos para a AD na definição de suas categorias de análise, tais como o estudo dos implícitos, pressupostos, papéis discursivos, contexto de produção, regularidades discursivas e propósitos comunicativos. Esses conceitos se mostram inter-relacionados na Análise de Discursos e contribuem para ampliar a compreensão de textos das mais diversas naturezas

É assim que há uma relação indissociável que se estabelece entre autor, texto e contexto, cada um desses desempenhando papel singular e, ao mesmo tempo, interrelacionados, nas atividades de linguagem. Tal como Bronckart (1999), compreendemos que o contexto de produção textual, tantas vezes negligenciado nas análises linguísticas tradicionais, é fator determinante para se entender o texto. Nesse sentido, o mundo físico (lugar e momento de produção, enunciador e destinatário) e o mundo social e subjetivo (lugar social, posição social dos sujeitos, objetivo da interação, efeitos que se quer produzir) formam o conjunto necessário que concorre, junto com outros fatores, nas análises de gêneros, operando de forma significativa para ampliar as formas de análise dos discursos.

Neste artigo procuramos demonstrar que os estudos sociointeracionistas da linguagem são convergentes em vários aspectos, e uma perspectiva inter-relacional de estudos de compreensão de textos é extremamente importante para a construção de sentidos.

8. Referências

- ADAM, Jean-Michel. **Les Textes: types e prototypes**. 3. ed. Paris: Nathan, 1992.
- ADAM, Jean-Michel. **Linguistique textuelle: Des genres de discours aux textes**. Paris: Nathan, 1999.
- BEAUGRANDE, Robert de. **New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge and Society**. Norwood: Ablex, 1997.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain & DRESSLER, Wolfgang U. **Introduction to text linguistics**. New York: Longman, 1981.
- BRANDÃO, H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
- BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- COSTA VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore. **Linguística Textual: Introdução**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- GRAMSCI, Antonio. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978; GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 7a.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- KOCH, Ingedore G. **Texto e coerência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz A. **Linguística de texto: o que é e como se faz**. Recife, UFPE/Mestrado em Letras e Linguística, 1983 (série Debates, 1).
- _____. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela;

MACHADO, Anna; BEZERRA, Maria (Orgs). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

_____. **Lições de texto: leitura e redação**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

VAN DIJK, Teun. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

